

KAMILLA BERNARDES
VERÔNICA RASZL VALVERDE

ESSES MEUS CABELOS BRANCOS:
Por trás desse sorriso

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social – Jornalismo

2014

KAMILLA BERNARDES
VERÔNICA RASZL VALVERDE

ESSES MEUS CABELOS BRANCOS:
Por trás desse sorriso

Projeto experimental apresentado ao curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Mariana Ramalho Procópio Xavier

Viçosa - MG

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

2014



Universidade Federal de Viçosa

Departamento de Comunicação Social

Curso de Comunicação Social/ Jornalismo

Projeto experimental intitulado *Esses meus cabelos brancos: Por trás desse sorriso*, de autoria das estudantes Kamilla Bernardes e Verônica Raszl Valverde, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Profª. Dra. Mariana Ramalho Procópio Xavier- Orientadora
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profª. Mariana Lopes Bretas
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Carolina Pires Araújo
Jornalista, TV Viçosa

Viçosa, 03 de dezembro de 2014

AGRADECIMENTOS

Posso dizer que especialmente nos últimos 12 meses vivi uma explosão de sentimentos a cada segundo. A intensidade que sempre esteve presente em alguns sentidos da minha vida acabou assumindo papel de protagonista nos mais diferentes âmbitos desses dias decisivos. Hoje, como minha companheira oficial, faz desse momento de conquista confuso do mesmíssimo tamanho que sabe ser especial.

É inevitável que a emoção tome conta, junto claro, com o medo do novo, e a vontade de abraçar muito apertado quem soube sorrir ou me dar a mão no caminhar até aqui. Todas as manhãs foram muito mais doces porque não me senti um só segundo sozinha ou desamparada mesmo nos momentos onde as dúvidas e o cansaço pareciam ser bem maiores que os meus sonhos.

Agradeço imensamente a todos, sem restrição, que me dirigiram uma palavra amiga, escutaram meus problemas, riram das minhas piadinhas sem graça e acreditaram que eu estaria aqui hoje para escrever essas linhas, feliz que nem pinto no lixo e com uma bola de pêlo de gato enorme entalada na minha garganta.

No plano espiritual, obrigada meu Deus por guiar meus passos pelas estradas da vida e alimentar a minha fé a todo tempo, e São Jorge por ser meu protetor e intercessor. As linhas tortas sempre foram muito retas para o melhor propósito, que é o que eu tenho a convicção que escolhem diariamente para mim. Ainda fazendo parte dos muito especiais de forma a serem no dia a dia amparo e não apenas memória, agradeço à minha Vó Lalá anjo da guarda, por tantas vezes acalmar esse meu coração desajeitado. Ela que também colabora do céu para que meu caminho esbarre ao desse tanto de gente boa que eu encontro e me ajudam a seguir em frente. Te amo sem fim e sei que estará me aplaudindo orgulhosa por me ver formada, ainda mais de sobancelha feita, de anel e muito vaidosa como você sempre quis que eu fosse.

Agradeço imensamente a minha mãe Tânia, que foi muito mais que quem conferia os vermelhos na minha carteirinha do colégio, a razão da minha volta para Viçosa, quem preocupa se tenho tudo que preciso, ou quem escolheu de última hora o meu curso. Obrigada mãe de todo o meu coração, por acreditar muito mais que eu “que eu podia”, por ser essa fortaleza todos os

dias, despertar em mim o mais nobre amor que já pude sentir e me ensinar a todo instante que o seu colo é pra onde sempre devo voltar. Esse título é muito mais seu! Te amo!

De forma jamais menos especial, agradeço ao meu pai Rogério que não mediu nenhum (mesmo) tipo de esforço para que eu fosse hoje uma jornalista, uma mulher de bem, morasse em Ouro Preto, não andasse no sol a pé, aprendesse a cumprir horários e valorizar o meu trabalho. Você nunca foi o meu herói (até porque não tenho um), mas é o meu exemplo de nobreza e eu te amo do nosso jeito!

Ao meu irmão Guilherme por ter chegado para me ensinar a dividir mesmo não querendo as vezes ou sentindo ciúmes, você é o que tenho mais próximo de ilustrar a expressão “para sempre”. Forme-se advogado depressa, faça o bem, ganhe dinheiro e me dê uma casa no litoral com um gramado enorme e um cachorro Basset (albino). Te amo.

Aos meus nenéns Vó Doquinha e Vô Helvécio por serem a inspiração desse meu trabalho e o meu carinho certo depois dos 23 degraus de escada que nos separam todos os dias! Eu amo vocês demais! Agradeço também aos meus tios e primos por todo o zelo e torcida.

Muito obrigada “minha dupla” Verônica Valverde por ser hoje bem mais que uma simples amiga e por aguentar essa e outras barras pesadas comigo sem hora ou lugar. Sou grata por todo o seu carinho e honrada por dividir com você dessa forma esse momento tão incrível. Agradeço mil a minha professora e orientadora deste documentário Mariana Ramalho Procópio por todos os ensinamentos e demonstrações de amizade desde a minha saída da CCS. Você é de ouro, trabalhar com você como sua monitora e orientanda fizeram desse finalzinho muito mais especial.

Amigos dos tempos de colégio que represento aqui pelo Professor Edmilson Correia, da UFOP Educação Física representados por Ketyinha Pingo, de Ouro Preto Ana Cláudia “meu Braço”, amigos de Jornalismo de tantas gerações Lilian Lima(COM 08),Thaissa Vaz (COM 09), Raíra, Iarina, Erika e Tcherla (COM 10), Lilian Moura, Anna Gabs, Miquis e Thaiss (COM 11), Fernando César (COM 12), Gui Pimenta e Jow da New (COM13) e toda a equipe da Coordenadoria de Comunicação Social representados aqui por Adriana Passos, José Antônio Gatinho e Rose! “Obrigadaço” gente por cada terça-feira infinita que antecederam quintas fixas inesquecíveis!

E para finalizar, obrigada do tamanho do amor de vó às minhas meninas do PMTI que coloriram ainda mais meus últimos 3 meses como aluna da UFV!

Kamilla Bernardes

Poder ver este trabalho finalizado é, para mim, motivo de grande orgulho, refletindo todo o esforço ao longo desses quatro anos de graduação. Mas estar aqui hoje não teria sido possível sem o apoio de algumas - muitas - pessoas.

Gostaria de agradecer em primeiro lugar, e sempre, aos meus pais que, mesmo à distância, nunca mediram esforços para que eu alcançasse meus objetivos. Aos grandes amigos que fiz em Viçosa, em especial Marina, Patrícia, Paula, Pedrinho e Thalita, que estiveram comigo desde o início do curso e se tornaram minha família, me guiando nesta cidade. À família que também pude encontrar na Coordenadoria de Comunicação Social, ao longo desse ano de estágio: sou muito grata pelo apoio recebido de estagiários e jornalistas que me ensinaram e me ajudaram a crescer profissional e pessoalmente nesta caminhada, além de todo o incentivo e torcida durante a execução deste trabalho. À minha orientadora, Mariana Procópio, que, mesmo com as dificuldades enfrentadas, nunca perdeu sua delicadeza e paciência conosco, fazendo o possível e o impossível para nos ajudar na conclusão desta etapa.

Agradeço também aos integrantes do Programa Municipal da Terceira Idade que nos ajudaram na realização deste trabalho: à professora Andréia que, nos bastidores, nos deu total apoio; ao professor Wederson, que nos auxiliou e nos fez sentir mais à vontade dentro das aulas de ginástica; e à dona Geralda e dona Inês, que nos acolheram tão carinhosamente com verdadeiro coração de avós! Foi um prazer poder conviver com elas!

E, claro, à Kamilla Bernardes, que surgiu com a ideia de um documentário brilhante e me permitiu ser sua companheira de trabalho e amiga! Agradeço muito por você ter entrado gritando, rindo alto e sempre falando demais, em minha vida!

Por fim, a todos que de alguma forma fizeram parte desta etapa e me ajudaram a concluir este trabalho, o meu Muito Obrigada!

Verônica Valverde

RESUMO

Esses meus cabelos brancos: Por trás desse sorriso é um videodocumentário produzido como Trabalho de Conclusão do curso de Comunicação Social/ Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O documentário tem como objetivo retratar a importância das atividades do programa para a qualidade de vida dos idosos participantes. Por meio do relato de três idosas participantes e do professor de ginástica, procuramos evidenciar as oportunidades que o PMTI oferece como espaço em que o idoso pode buscar a sua felicidade, com foco na história pessoal de uma personagem central. Como pressupostos teóricos norteadores desse trabalho, adotamos as contribuições de pesquisadores do gênero documentário, em especial Bill Nichols, Luiz Carlos Lucena, Fernão Pessoa Ramos, para que pudéssemos pensar sobre as especificidades da produção audiovisual. Em relação à metodologia, adotamos a pesquisa bibliográfica, observação, entrevistas e edição de documentário.

PALAVRAS-CHAVE

Videodocumentário; Terceira Idade; Bem-estar; Viçosa.

ABSTRACT

This gray hair of mine: Seniors: Behind this smile, is a documentary produced as Course Conclusion work of Social Communication/ Journalism course of Federal University of Viçosa. The audio-visual presents the importance of the activities in this program for the life quality of the participants senior citizens. By the report of three old ladies who take classes at the program and the gymnastic teacher, we tried to show the opportunities the program offers as a space the elders can persuade their own happiness. About the theoretical reference, we used contributions from documentary genre researchers, specially Bill Nichols, Luiz Carlos Lucena, Fernão Pessoa Ramos, so we could think about the audio-visual production's specificities. Regarding methodology, we used bibliographic researches, observation, interviews and editing.

KEY-WORDS

Documentary; Seniors; Wellness; Viçosa.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1- O DOCUMENTÁRIO E O IMPACTO DA NARRATIVA	
AUDIOVISUAL.....	12
1.1. Conceitos e Definições.....	12
1.2. Documentário como instrumento de persuasão.....	16
1.3. Roteiro.....	17
CAPÍTULO 2 - ENVELHECIMENTO E DESAFIOS PARA O BEM-ESTAR DA	
TERCEIRA IDADE.....	19
2.1. Programa Municipal da Terceira Idade e a socialização de idosos em Viçosa.....	24
CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO TÉCNICO.....	27
3.1. Pré-produção.....	27
3.2. Produção.....	29
3.2.1. Apresentação dos personagens.....	29
3.2.2. Gravações.....	30
3.3. Pós-produção.....	33
3.3.1 Edição.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
Referências bibliográficas.....	36
ANEXOS.....	39

INTRODUÇÃO

A realidade brasileira aponta para um envelhecimento da população com melhoria na qualidade e aumento na expectativa de vida, graças aos avanços da medicina, levando a um aumento da longevidade e à redução das taxas de mortalidade. O número de pessoas acima de 60 anos no país passou de 4,8% do total da população em 1991 para 7,4% em 2010, de acordo com o Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Apesar desse representativo crescimento, preconceito e marginalização social e econômica fazem “com que o idoso transite num espaço restrito, sem grandes possibilidades aparentes de mudanças” (SCORTEGAGNA; OLIVEIRA, 2012, p.1).

O Estatuto do Idoso, vigente desde o ano de 2003, completa onze anos de uma política proposta. No entanto, lamenta-se que o desrespeito e o descumprimento de suas normas sejam constantes em uma sociedade que continua, aparentemente, pouco disposta a conceder o devido apreço ao direito de quem avança na idade. Flagrantes de discriminações cometidas contra pessoas da terceira idade são constatadas no dia a dia pela sociedade tanto em ambiente familiar como em locais públicos na convivência social. Ao saírem às ruas, os mais velhos têm de enfrentar desde a omissão de motoristas de ônibus, que não atendem aos seus acenos, até o perigo de quedas em degraus altos e nos desníveis de calçadas e praças inapropriadas para o uso de pessoas com insuficiência física ou motora além da falta de carinho e paciência de pessoas de menos idade.

Com o crescimento da população idosa em decorrência de melhores condições de vida e conhecimento científico, vemos por necessidade uma maior preocupação com o bem estar não somente físico mas mental e emocional desses idosos.

O objeto do estudo é o Programa Municipal da Terceira Idade de Viçosa, fundado em 2002, por meio do Centro de Atenção Coletiva ao Idoso de Viçosa (LIBOREIRO *et al*, p. 2, 2004), com foco nas histórias dos idosos participantes do programa. Para tanto, optamos por utilizar a aposentada Geralda Janote Paes, de 74 anos, como a personagem central, sendo uma forma de personificar esses idosos frequentadores da aula de ginástica. Segundo a definição do programa em sua página em uma rede social

O PMTI é um serviço de Proteção Social Básica ofertado pelo Centro de Referência da Assistência Social (CRAS) e se consolida como uma parceria entre a Prefeitura Municipal de Viçosa (PMV) e Universidade Federal de Viçosa (UFV) [...] a finalidade do PMTI fortalece os vínculos familiares e comunitários de acordo com as novas orientações do Sistema Único da Assistência Social (SUAS), Política Nacional da Assistência Social (PNAS) e Lei Orgânica da Assistência Social (LOAS).

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem, pois, como tema a sociabilidade entre idosos participantes do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), com o foco em uma das participantes, que chamou nossa atenção devido à sua história e à influência que as atividades do programa exercem sobre sua vida. O trabalho é um projeto experimental, em que as autoras produziram um videodocumentário abordando a questão da velhice e do bem estar na terceira idade. Dessa forma, para a construção do documentário guiamo-nos pelas seguintes questões: Qual é a influência da participação em um grupo como o PMTI na vida desses idosos? O que levou esses idosos a participar do programa? O que mudou na vida do idoso que decidiu participar do programa?

Em decorrência do processo natural de envelhecimento, muitas vezes os idosos sentem falta de “‘amor, carinho e atenção’ levando-os a ter uma enorme carência afetiva” (CAMPOS, DIAS, RODRIGUES, 2011, p.8). Como já mencionado, com a melhoria na qualidade, a expectativa de vida vem crescendo consideravelmente e, por isso, situações de carência desses idosos podem ser percebidas no cotidiano. De maneira prática e por toda a correria do dia a dia, tendemos a perder o cuidado interpessoal, voltando nossas preocupações a questões de ordem de saúde física, esquecendo do bem estar e sentimentos envolvidos em nossos nichos. Hoje o idoso é tratado pela sociedade com certo desprezo, algumas vezes são considerados improdutivos, o que leva essa parcela da população a ser esquecida pelo restante da sociedade; o esquecimento acontece muitas vezes dentro da sua própria casa.

É verdade que, em nossa sociedade, os idosos são pessoas com possibilidades menores de vida digna, dada não apenas a imagem social da velhice entre nós, vista como época de perdas, incapacidades, decrepitudes, mas - e principalmente! - pela situação objetiva de aposentadoria insuficiente, oportunidades negadas, desqualificação tecnológica, exclusão social, pelo menos da maior parte dessa população. (PASCHOAL, 2011, p.5).

Com o aumento da população idosa, se torna relevante observar o bem estar desses indivíduos e suas necessidades, para também entender as interações sociais e as mudanças na vida dos idosos que participam de atividades de lazer, como o Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI), no município de Viçosa. Os motivos pessoais da procura pelo Programa, a interação com a família e, principalmente, as histórias dos personagens desse grupo, com tantos anos de boas histórias para contar, reunidos em um só lugar e então, juntos, escrevendo mais uma. E, por fim, a proximidade das estudantes com o tema e o afeto pelos idosos que as ajudaram também a escrever suas histórias foram fatores determinantes para a formulação do trabalho.

A opção por videodocumentário se deve à profundidade e às possibilidades que a narrativa audiovisual proporciona; além da proximidade e identidade da dupla com as técnicas de produção e edição de material televisivo proporcionado pelas disciplinas de telejornalismo e por vivências de estágios durante todo o período de graduação.

As páginas seguintes do presente memorial estão divididas em três partes: duas de ordem teórica e uma, relatório técnico. O primeiro capítulo apresenta a escolha do gênero videodocumentário, como um gênero que oferece liberdade e profundidade na forma narrativa. O segundo capítulo traz dados sobre o envelhecimento da população brasileira e um recorte sobre a nossa escolha da personagem central. O terceiro capítulo, o relatório técnico apresenta a metodologia utilizada e as etapas do processo de produção do videodocumentário “Esses meus cabelos brancos”. Por fim, apresentamos as considerações finais, com nossas impressões pessoais sobre o trabalho.

CAPÍTULO 1 - O DOCUMENTÁRIO E O IMPACTO DA NARRATIVA AUDIOVISUAL

1.1. Conceitos e definições

Definir um conceito é uma tarefa difícil, pois, muitas vezes, limita o objeto a ser definido. Essa dificuldade em se criar conceitos também se aplica no caso do documentário que, até hoje, segue sem uma definição exata. No entanto, como destaca Ramos, é possível se nomear um conjunto mais ou menos homogêneo que se repete, como é o caso do documentário, designando “um conjunto de obras que possuem algumas características singulares e estáveis que as diferenciam do conjunto dos filmes ficcionais” (RAMOS, 2008, p.23). No caso, o documentário busca retratar a realidade como ela é, apesar de recorrer a simulações, montagens, cortes e de ser narrada a partir de um ponto de vista - o do documentarista - enquanto a ficção, apesar de ser pautada no real, tende a ser guiada também pelo imaginário do cineasta, sofrendo mais influências de quem produz esse tipo de filme.

Tendo em mente a possibilidade de tal conceituação, o que hoje conhecemos como documentário surgiu nos anos de 1920, com o primeiro filme a ser considerado de não-ficção, do cineasta Robert Flaherty. A obra *Nanook, o esquimó*, de 1922, retratava a vida de uma comunidade de esquimós no norte do Canadá. Seu diferencial foi justamente ter representado a vida no exato lugar onde era vivida, em que o protagonista não era um ator, mas um membro da tribo Itivimut. Desse modo, o trabalho de Flaherty redefiniu a visão que se tinha sobre cinema em uma época em que a ficção estava em voga, com o documentário sendo “considerado como a produção audiovisual que registra fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real (ou mundo histórico) e como protagonistas os próprios ‘sujeitos’ da ação” (LUCENA, 2012, p.11).

Também foi a partir da observação dos documentários de Flaherty que, na década de 1930, o produtor e documentarista John Grierson atribuiu nome e desenvolveu o conceito clássico do gênero documentário, afirmando que este é o “tratamento criativo da realidade” (GRIERSON APUD PENAFRIA, 1999, p. 2) - um tratamento que, segundo ele, cabe ao documentarista, mesmo que sejam necessárias reconstruções de determinados acontecimentos. Por meio da câmera, o documentarista deve administrar, selecionar as informações de um

determinado cotidiano e de que forma elas serão mostradas ao público, escolhendo os planos, cortes, enquadramentos, explorando a realidade humana retratada por diferentes ângulos.

Nessa mesma perspectiva, Nichols (2008) afirma que o documentário se mostra diferente do filme de ficção pelo fato de o diretor não exigir uma “performance adequada”, com falas e ações milimetricamente determinadas, não se estabelecendo a relação contratual para a atuação no filme. Desse modo, no filme documentário é retratada a realidade e a vida dos indivíduos, “personagens” de uma história que não é fruto da imaginação do cineasta:

As pessoas são tratadas como atores sociais: continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. Seu valor para o cineasta consiste não no que promete uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora. Seu valor reside não nas formas pelas quais disfarçam ou transformam comportamento e personalidade habituais, mas nas formas pelas quais comportamento e personalidade habituais servem às necessidades do cineasta. (NICHOLS, 2008, p. 31)

No presente trabalho, buscamos aproximar ao máximo o que é gravado da realidade cotidiana do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI). A intenção aqui é de que os personagens retratados - e a personagem central, que se torna o fio condutor da narrativa - mantenham suas atividades cotidianas no programa e também dentro de casa.

Todavia, de acordo Lucena (2012, p.11), um documentário, por se tratar de um “registro de fatos, personagens, situações que tenham como suporte o mundo real e como protagonistas os próprios sujeitos da ação”, também tende a refletir uma visão pessoal de seu realizador. A partir de personagens que falam de si ou do mundo retratado, a narrativa documental traz as informações colhidas e ambientações em geral realistas sobre o universo que a produção busca apresentar. No caso deste trabalho, buscamos apresentar também o nosso ponto de vista, por acreditarmos na influência positiva que o PMTI pode exercer para o bem estar dos idosos retratados, apresentando essa visão a partir da história da personagem central.

Em sua construção, o videodocumentário apresenta novos pontos de vista sobre o documentário como processo criativo na essência. Realidade essa que o espectador pode ou não ter experimentado. A narrativa audiovisual proporciona também uma abordagem mais

aprofundada da temática, a partir do ponto de vista e da experiência do entrevistado, o que também nos permite uma maior reflexão sobre o assunto.

No documentário, os elementos fundamentais - som e imagem - potencializam a mensagem. Por muitas vezes, a imagem tem grande significado, chegando a falar por si só. Já o que se ouve - vozes, som ambiente e trilhas musicais escolhidas - também podem ter papel central ou ainda complementar na transmissão da mensagem em um filme documentário. São esses dois itens que dão sentido ao audiovisual:

[Os videodocumentários] Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. Esses filmes também transmitem verdades, se assim quisermos. Precisamos avaliar suas reivindicações e afirmações, seus pontos de vista e argumentos relativos ao mundo como conhecemos, e decidir se merecem que acreditemos neles. Os documentários de representação social proporcionam novas visões de um mundo comum, para que as exploremos e compreendamos. (NICHOLS, 2008, p.26-27)

Neste trabalho de conclusão de curso, existe uma fundamental ligação entre o som e imagem para a transmissão da mensagem central do documentário. Optamos pelo não uso de uma *voz-over* - ou “voz de Deus”, isto é, recurso em que um narrador acrescenta informações ou conduz a história em um contexto geral. Tal opção se deu para que os relatos dos personagens falem por si só, reforçados por imagens sobre as histórias que são contadas pelos indivíduos.

Nichols (2008) apresenta três tipos de formas de narração do documentário audiovisual: *ele fala deles - ou de alguma coisa - para nós, eu falo - ou nós falamos - de nós para vocês e eu falo deles para você*. No primeiro caso, *ele fala deles para nós*, nota-se um distanciamento entre quem conta a história retratada no documentário e o público. Esse *ele* parece ser impessoal, não possuindo identidade própria.

Já em *eu falo de nós para vocês*, o cineasta se encontra em unidade com aqueles que são representados no filme, pertencendo ao grupo retratado. É o caso do cinema antropológico, em que essa forma de narração da história é denominada “autoetnografia”, como as produções de filmes e vídeos de povos indígenas retratando sua própria cultura para *nós* que não fazemos parte desse grupo.

A última classificação, *eu falo deles para você*, é, segundo Nichols (*op. cit.*), a formulação mais usual na relação cineasta-tema-público. Neste caso, a narração é feita de alguém externo ao grupo que é retratado e que também não pertence ao mesmo grupo que seu público. Porém, a forma como a história é contada - para *você* - atinge o público de algum modo.

Com a opção de ter histórias contadas pelos personagens que as vivenciaram, este trabalho se enquadra em dois tipos de narração colocada por Nichols (2008): apesar de nossa voz não aparecer evidentemente contando a história, o trabalho traz a narração “*Eu - no caso, nós - falo [falamos] deles para vocês*”, uma vez que as autoras, mesmo se familiarizando com o ambiente e com os personagens, não são parte da história contada em si, e também apresenta o “*Eu falo de nós para vocês*”, uma vez que damos voz aos personagens para que contem suas histórias e de seus colegas no PMTI.

O autor também elenca diferentes modos de se fazer cinema: o poético, expositivo, observativo, participativo, reflexivo e performático. O primeiro, poético, costuma ser associado à vanguarda modernista, centrando-se mais na estética e dando mais liberdade ao cineasta.

O modo expositivo se utiliza mais dos argumentos, transmitindo sua lógica informativa verbalmente, de forma objetiva e bem embasada. No observativo, o documentarista busca mais a espontaneidade da experiência vivida, intervindo de maneira discreta no que se passa diante da câmera. Diferentemente, o subgênero participativo traz uma forte atuação do cineasta, que tem sua presença evidenciada e incita a fala das fontes por meio de diálogos.

O modo reflexivo traz a relação do cineasta com o público, pelo modo que ele fala sobre o mundo histórico, além de problemas e questões de representação. Esse subgênero questiona o lema de que “um documentário só é bom quando seu conteúdo é convincente” (NICHOLS, 2008, p.163). Por fim, o modo performático tem como característica a subjetividade, assim como o próprio engajamento do cineasta com o tema abordado.

Optamos por uma mescla dos subgêneros do vídeo documentário (NICHOLS, 2008): o expositivo, predominante em nosso trabalho, pois nossa intenção é que as histórias narradas pelos personagens ganhem expressividade; e da tentativa, ao mesmo tempo, de aproximação à realidade que buscamos retratar, por meio do modo observativo.

1.2. Documentário como instrumento de persuasão

O poder do cinema na transmissão de informação foi notado por volta de 1909, quando, em Paris, a exibição de notícias na grande tela passou a ser rotineira. Até então, os documentários já eram apresentados isoladamente nas salas de cinema, sendo o *Pathé Journal* o primeiro periódico do gênero. No Brasil, uma versão nacional do *Pathé Journal* surge em 1912; porém, nas décadas de 1960 e 1970, os cinejornais passaram a exibir em cinemascope (imagem panorâmica desenvolvida em 1953) as notícias da semana, além do futebol brasileiro. De acordo com Maia (2005) o segredo dessa diferenciada produção cinematográfica “era a técnica aliada a uma linguagem poética, expressiva, combinando som e imagem de forma nunca antes vista no Brasil”. Tal poder exercido pelas produções audiovisuais também podem ser percebidas na história brasileira quando, durante o Estado Novo, a exibição de cinejornais se torna obrigatória, sendo criado o Cinejornal Brasileiro, periódico oficial que registrava eventos políticos e enaltecia a imagem do “Brasil maravilha”.

De acordo com Zandonade e Fagundes (2003) acredita-se que, com uma linguagem mais aprofundada, esse gênero aborda os assuntos com mais clareza, permitindo aos telespectadores uma maior compreensão do tema apresentado. Com base nessa afirmação, é possível crer que esse meio audiovisual seja capaz de fornecer elementos para construção de ideias e discernimento de uma determinada comunidade.

O “convencer” aliado à essa condição, impulsiona a participação conjunta dos membros da comunidade em busca de melhorias e até mesmo conhecimento próprio.

A crença é encorajada nos documentários, já que eles frequentemente visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros [...] Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. (NICHOLS, 2008, p. 27)

Seguindo essa mesma linha, o autor também apresentou uma lógica informativa do filme documentário: sua organização se dá com base nas representações feitas sobre o mundo, por vezes visando até mesmo a solução de problemas. Desse modo, é apresentado um problema

presente no mundo contemporâneo à produção do filme; o histórico desse assunto e um exame de sua complexidade são trazidos; e, ao final, encaminha-se para uma recomendação ou solução conclusiva, que o espectador endossa ou adora como sua. Em nosso produto final, buscamos a identificação ou mesmo afinidade dos idosos com as histórias de amizades relatadas pelas senhoras do PMTI, afim de encorajar um maior número de pessoas a se agregarem ao Programa e até mesmo animá-las quanto ao seu momento de vida, muitas vezes visto de maneira errônea como limitado. Para tanto, é necessário que um argumento seja sustentado e que haja o envolvimento do espectador com o filme.

Considerando-se a força que a produção audiovisual exerce, nossa intenção é que, por meio deste trabalho de conclusão de curso, seja difundida a importância de atividades que visam o bem-estar dos idosos e promovam sua sociabilidade. Com um público heterogêneo, pretendemos levar mais informações sobre o bem-estar dos idosos, tendo como foco o Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) de Viçosa, por um projeto que promove atividades gratuitas a todos os idosos da cidade que têm interesse em participar. O PMTI proporciona a eles, além de atividades educativas, físicas e consultas médicas, a oportunidade de conviver em grupo com outras pessoas na mesma fase de vida.

1.3. Roteiro

O roteiro é peça-chave na produção audiovisual, servindo de guia, iluminando o caminho que o autor do trabalho deve seguir, como destacam Diniz e Ribas:

Toda produção audiovisual, seja ela documentário, reportagem ou filme de ficção, exige a composição de um roteiro, que funciona como a materialização do planejamento. Ele organiza as ideias do documentarista/repórter/cineasta em forma de texto, e, com isso, facilita a pré-visualização do produto final (DINIZ; RIBAS, p.33, 2014).

Assim, o roteiro se faz fundamental como forma de orientação e direcionamento para seu produtor, sendo um vislumbre, uma simulação de como o produto final poderá ser, apresentando suas principais informações. Como o documentário não é um “produto fechado”, concebido desde o início e idealizado da forma como foi primeiramente pensado - com personagens,

cenários, trilhas e falas pré-determinadas -, é feito um pré-roteiro com as ideias iniciais, que pode ser alterado devido a interferências decorrentes das próprias informações com as quais o documentarista se depara.

No documentário, o roteiro pode ser um argumento amplo, porque, ao contrário dos filmes de ficção, em que o roteiro é a origem e a matriz do filme, nele tudo pode mudar conforme o desenvolvimento do tema e das filmagens. De qualquer maneira, o roteiro deve ser produzido com a preocupação de manter o público interessado ao longo do filme, precisando, por isso, ser bem estruturado e contar com um início, meio e fim. (LUCENA, 2012, p. 39-40)

Usamos um pré roteiro para guiar o nosso trabalho e fomos inserindo o que gostaríamos, (de maneira pessoal) de encontrar no produto final. Depois de todas as entrevistas executadas, fizemos então o roteiro final que concretizou o produto apresentado.

CAPÍTULO 2 - ENVELHECIMENTO E DESAFIOS PARA O BEM-ESTAR DA TERCEIRA IDADE

Envelhecer é um processo natural e contínuo para todos os seres vivos. Alterações morfológicas, funcionais e bioquímicas vão modificando progressivamente o nosso corpo e exigindo adaptações às novas condições apresentadas a todo momento. Essas mudanças não acontecem apenas em âmbito biológico funcional, por isso podemos dizer que a velhice é um fenômeno biológico, cultural e social.

No aspecto biológico, segundo Moreira (2001), o envelhecimento biológico consiste em alterações morfológicas e funcionais dos órgãos e tecidos do organismo. É um fenômeno natural, diretamente relacionado a um desgaste corporal que traz vulnerabilidade e fragilidade à saúde. Das mudanças mais comuns em cunho fisiológico, podemos destacar a progressiva atrofia muscular, fraqueza funcional, a descalcificação óssea, o aumento da parede dos vasos, nos níveis de gordura, a diminuição de potencialidades motoras, entre outros. Em idades mais avançadas as limitações funcionais, tais como cognição, equilíbrio, perda de força muscular, bem como surgimento de doenças crônico-degenerativas intensificam se ocasionando perda da capacidade funcional (FIEDLER; PERES, 2008).

A prática de atividade física pode ser considerada um tratamento sem medicamentos para amenizar ou mesmo impedir alguns dos problemas comuns com o avançar da idade como a osteoporose¹, sarcopenia², osteoartrose³, pois exercícios físicos atuam no metabolismo energético, diminuem o nível de insulina, regulam a pressão arterial e tonificam a musculatura. Um estilo de vida ativo ajuda na manutenção e melhoria da capacidade funcional dos idosos.

Para além do campo da biologia, a velhice também é um fenômeno psicológico, social e cultural de construção de identidade, pois está inserida em um sistema de relações sociais. Adotando-se que a identidade do “eu” se constrói em contraponto à identidade do “outro”, a

¹ A Osteoporose é uma doença nos ossos, metabólica e sistêmica. Ela acontece quando o corpo deixa de formar material ósseo novo o bastante, ou quando muito do material ósseo é reabsorvido pelo corpo. Com isso os ossos não se renovam como deveriam, ficando então finos e fracos, dispostos então a mais fraturas.

² Sarcopenia consiste na redução da massa muscular associada com a idade cronológica. É o decréscimo da capacidade neuromuscular principalmente pelo declínio da quantidade e habilidade das proteínas contráteis.

³ A Osteoartrose se trata de uma síndrome clínica, é um processo degradativo articular que determina um procedimento anormal entre a destruição cartilaginosa e a reparação da mesma.

“velhice” se constrói pela contraposição à “juventude”. De acordo com o Futuridade - Plano Estadual Para a Pessoa Idosa, a primeira forma de se vivenciar a velhice se dá no corpo. A visão do “declínio do corpo” causa um impacto não apenas no próprio corpo, mas também na personalidade, no papel social, econômico e cultural do idoso (QUEIROZ, 2009).

O envelhecimento social é a dimensão construída pela sociedade. Nas sociedades antigas, em geral, ser velho conferia uma posição dignificante e todos que atingiam essa etapa eram acatados como sábios. Nas sociedades contemporâneas, na sua maioria, ser velho significa estar excluído de vários lugares sociais. Um desses lugares é aquele relativo ao mundo do trabalho.

A velhice está diretamente relacionada ao alojamento do mundo produtivo nas sociedades capitalistas contemporâneas, onde os aspectos negativos de improdutividade, decadência, devido à valorização da força de produção, criam barreiras para a participação do velho em diversas dimensões da vida social. A inadaptação do idoso aos padrões ideais estabelecidos pela sociedade, como a perda do papel profissional com a aposentadoria e a perda do papel na família como chefe de família e provedor, conduz ao isolamento, aonde o idoso vai diminuindo seus contatos com o mundo em que vive, surgindo sentimentos de inutilidade e solidão, levando à depressão e muitas vezes à morte (MERCADANTE *apud* LUCAS *et al*, 2013, p. 3). É importante também lembrar que há casos em que o idoso também ocupa o papel de líder da família, sendo responsável também pelo sustento de seus parentes; porém, sabemos também que esses casos são minoria.

Como consequência, a aposentadoria também impacta o papel econômico do indivíduo, marcando a entrada para a velhice e a saída da vida “produtiva”. O idoso passa a viver com recursos mais escassos para o seu sustento (BORGES *apud* LUCAS *et al*, 2013). Além disso, “o idoso é considerado alguém que existiu no passado, que realizou o seu percurso psicossocial e que apenas espera o momento fatídico para sair inteiramente da cena do mundo” (BIRMAN *apud* QUEIROZ, 2009, p. 41). Tal fato também pode ser notado na falta de investimento em políticas públicas voltadas aos idosos: a sociedade investe na educação das crianças para garantir o próprio futuro da sociedade; “o velho, diferentemente de uma criança, é um sem futuro” (QUEIROZ, 2009, p. 42).

Os reduzidos investimentos públicos para o atendimento das necessidades específicas da população idosa e também para os recursos humanos, tanto em quantidade como em qualidade, somam-se à desinformação, ao preconceito e ao desrespeito com relação aos idosos.

Dessa forma, tornam-se necessários novos métodos de planejamento e de gerência, porque a prestação dos cuidados exige estruturas criativas e inovadoras, com propostas de ações diferenciadas, de modo que o sistema consiga ser eficiente e o cidadão da terceira idade possa usufruir integralmente os anos a mais proporcionados pelo avanço da medicina. (PORTINHO et al, s/a, p.41)⁴

A necessidade do amadurecimento pessoal para aceitar todas essas transformações que acompanham o envelhecer não é uma tarefa simples. As limitações corporais muitas vezes encadeiam uma série de doenças psíquicas decorrentes da não aceitação dessas novas condições – físicas, psicológicas, sociais, econômicas e culturais - impostas pelo passar do tempo. Apesar de o Brasil ter obtido a 12^a colocação no ranking dos países que oferecem melhor garantia de renda para seus idosos, estes ainda acabam sendo marginalizados, devido às poucas oportunidades para a socialização e integração da terceira idade, e que também contribuem para essa sensação de incapacidade ou irrelevância para o espaço em que se vive.

A velhice, como todas as situações humanas, tem uma dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com sua própria história. Por outro lado, o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade a qual pertence. (PAPALÉO NETTO *apud* BARBOSA, 2007, p. 74).

A crescente relevância e preocupação com a terceira idade ganha destaque a partir de 1975, momento em que a transição demográfica - uma inversão no número de jovens e idosos, apontando para o aumento no número de indivíduos acima dos 60 anos - evidencia o envelhecimento da população em escala global (SOUZA *et al*, 2012). O conceito “transição demográfica” foi criado por Warren Tompson no ano de 1929 e é entendido como a oscilação das taxas de crescimento e variações populacionais. Segundo o IBGE, no últimos 50 anos a população brasileira quase triplicou passando de 70 milhões em 1960 para 190,7 milhões em

⁴ Disponível em <http://gsp.cursoscad.ufsc.br/wp/wp-content/uploads/2013/02/Anais-GSP-Volume-2-Artigo-2.pdf>. Acesso em 19/09/2014

meados de 2010. A parcela correspondente à terceira idade cresceu ainda mais, em 1960, 3,3 milhões de brasileiros tinham 60 anos ou mais e representavam 4,7% da população. Em 2000, 14,5 milhões, ou 8,5% dos brasileiros, estavam nessa faixa etária. Esse notável aumento se deve a três fatores principais: a redução nos níveis de mortalidade, consequência do avanço da medicina; a redução da fecundidade, devida à adoção de métodos contraceptivos, reduzindo também a média de filhos por mulher em idade fértil e aumentando o número de idosos quando comparado à população jovem; e, por fim, a migração, ligada principalmente aos jovens, que se mudam buscando melhores condições, deixando os mais velhos consequentemente como maioria na área de emigração.

No Brasil, tal fato pode ser percebido ao se comparar os dados estatísticos apresentados nos censos de 1980 e 1990, em que se verifica que a população acima dos 60 anos aumentou 1,5%. Já no Censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, no ano de 2010, os maiores de 60 anos representavam 7,4% do total da população, enquanto em 1991 esse número era de 4,8%. Atualmente, estima-se que o país tenha 20,6 milhões de idosos, valor que representa 10,8% do total da população. A faixa etária que designa a terceira idade, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), para países desenvolvidos é de 65 anos, enquanto nos países em desenvolvimento esse corte cai para os 60 anos, devido à menor expectativa média de vida. O constante aumento quantitativo na população da terceira idade, que tem trazido a questão da qualidade de vida dos velhos para o centro das discussões, acarreta também o aumento de investimento em políticas públicas para proporcionar a esses indivíduos bem-estar e condições adequadas, uma vez que eles são mais frágeis econômica, física e emocionalmente.

Convém destacar que, a população brasileira que compõe essa faixa etária, apresenta características estruturais, como a condição de saúde, renda, cuidado formal e informal entre outros, que merecem muita atenção por parte de toda a sociedade. Portanto, o crescimento quantitativo dos gerontes, deverá ser acompanhado por uma implementação efetiva de políticas públicas, igualitárias e universais, que garantam os direitos de proteção e participação social da população idosa. (BORBA, 2001, p.14)

O Brasil está passando por um processo de envelhecimento populacional rápido e intenso (RAMOS *et al.* apud LIBOREIRO, 2004). Em 1950, o país ocupava o 16º lugar no ranking mundial de países com maior número de idosos, com base em sua população acima de 60 anos;

em 1980 o 10º lugar; no ano de 2025 estima-se que essas pessoas passarão a representar 14% da população brasileira fazendo com que o país ocupe o 6º lugar em âmbito geral. Segundo Ramos (1987), se a tendência se mantiver, o Brasil deve ter uma das maiores populações de idosos no mundo em anos.

Esse processo de envelhecimento da população em níveis nacional e mundial também traz transformações no corpo dos indivíduos acima de 60 anos, que os afastam e diferenciam a terceira idade do padrão jovem, originando contrastes sociais. Atualmente, tem-se utilizado termos como terceira idade, o jovem de ontem e melhor idade; estes são interpretados, em muitas ocasiões, como uma forma de se camuflar a velhice e torná-la mais jovem, atendendo principalmente ao mercado no que diz respeito a vender serviços de lazer e criar saídas para certos produtos específicos (LENOIR, 1996).

Grupos de convivência são criados para minimizar este contraste e resgatar o bem viver dos idosos através da prática de atividades físicas e lazer. Tais programas servem como meio de informação, tratando valores e saberes sobre cidadania, sexualidade e consciência etária onde também promovem a integração, socialização e diversão entre os participantes. O sentimento de reintegração acontece em vivências com momentos de prazer, de satisfação, de aprendizado, e também da troca de experiências.

O processo de envelhecimento é percebido de forma distinta pelos gêneros, pela experiência adquirida por homens e mulheres com o passar da idade. Para as mulheres, a abrangência da liberdade conquistada pelo sexo feminino ao longo do tempo é um fato irreversível que se projeta também na terceira idade. Os programas para idosos criam espaços para elas, onde suas experiências de autonomia e liberdade podem ser vividas coletivamente. Ao mesmo tempo que as atividades físicas em grupo mobilizam mais o público feminino por uma série de costumes e tabus ainda regentes em nosso meio, nos sindicatos e movimentos para aposentados a situação pode ser notada de maneira oposta. Lá, são os homens quem se apresentam em maioria. Mattos et al. (1998) em sua pesquisa sobre gênero com idosos de ambos os sexos, também constataram que uma das representações apresentadas pelas mulheres em relação aos homens é a de que estes têm dificuldades de aceitar que estão envelhecendo, e por isso passam a se relacionar com mulheres muito mais jovens. Outra visão que elas trazem é do homem que não se interessa pelas atividades da casa e pelos grupos de convivência para terceira

idade. Cabe ressaltar que os grupos de convivência são basicamente femininos (92%), como foi visto em pesquisa feita por Areosa e Ohlweiller (2000) sobre o perfil de grupos de terceira idade. Além disso, os homens após a aposentadoria passam mais tempo em casa, pois trocam a espaço público pelo privado, dedicando-se muitas vezes a atividades que antes não tinham tempo para se dedicar. Verificou-se na mesma pesquisa que 56% dos homens tem como atividade preferida a leitura, 38% a prática de esportes enquanto as mulheres preferem participar dos grupos de convivência (38%) e 23% preferem passear e viajar.

Nos programas para a terceira idade, a luta contra os preconceitos e estereótipos leva a uma celebração do envelhecimento como um momento em que a realização pessoal, a satisfação e o prazer encontram seu auge e são vividos de maneira mais madura e profícua. (DEBERT *apud* BARBOSA, 2007, p.23).

2.1. Programa Municipal da Terceira Idade e a socialização de idosos em Viçosa

Os dados do censo demográfico de 2010 mostram que a população total de Viçosa era de 72. 220 habitantes e que, destes, 7.976 eram pessoas idosas, o que representava 11,05% da população total do município. Os dados revelados podem ser considerados imprecisos, uma vez que a cidade possui uma população flutuante considerável formada por estudantes devido à presença de diferentes instituições de ensino superior na cidade.

Considerando agora apenas a população idosa, 55,5% do total era constituída por mulheres e 44,5% por homens. Podemos notar então que no município há uma diferenciação por gênero, e que as idosas estavam em maior número. Essa diferenciação parece se repetir também em níveis mais amplos, pois, de acordo com Salgado (2002), existe uma proporção maior de mulheres idosas do que de homens, quando se considera a população total de cada sexo.

Buscando proporcionar socialização a 86 idosos, a partir de atividades físicas, recreativas e eventos socioculturais, a Secretaria Municipal de Ação Social de Viçosa implantou o Clube da Terceira Idade, em 1994. Três anos mais tarde, uma parceria entre a Prefeitura de Viçosa e a Universidade Federal de Viçosa ampliou esse atendimento aos idosos, trazendo também atenção à saúde, com a criação do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI). Entre as ações desenvolvidas pelo PMTI, podemos destacar aulas de ginástica, hidrogenástica, fisioterapia,

caminhada orientada, dança sênior, aulas de alfabetização, oficinas de artesanato e corte e costura, além de atendimento médico, nutricional, psicológico e orientação sobre Direito.

Atualmente, o programa conta com mais de 2 mil idosos cadastrados, e tem o acompanhamento do Departamento de Nutrição e Saúde da UFV e da Secretaria Municipal de Assistência Social. A UFV oferece o espaço físico para a realização das atividades e o atendimento nutricional, realizado pelos estudantes que participam do Programa de Educação Tutorial (PET) do curso de Nutrição. No programa, a Prefeitura conta com duas funcionárias efetivas, responsáveis pela administração, um educador físico, um médico, uma nutricionista e nove estagiários remunerados, atuando com educação física e nutrição, e também arca com despesas de materiais para o andamento das atividades. Além dos funcionários, o PMTI conta com um defensor público, responsável por orientar os idosos no âmbito jurídico e facilitar os trâmites, caso algum deles precise entrar na justiça, dois estagiários voluntários na área de enfermagem e uma psicóloga voluntária. A coordenação, assim como o programa, tem duas frentes: na universidade, a coordenadora é a professora do Departamento de Nutrição e Saúde Andréia Queiroz Ribeiro, e, por parte da prefeitura, a coordenação fica por conta de Ivones Oliveira.

Para participar, o indivíduo deve ter 60 anos ou mais, levar um documento de identidade e uma foto 3x4 para a sede do programa, que fica na casa 6 da Villa Giannetti, no campus da Universidade Federal de Viçosa, onde o cadastro é realizado. Dentre as atividades oferecidas pelo PMTI, os idosos têm liberdade para escolha e prática apenas daquelas que atendem às suas vontades, não sendo obrigados a ir em determinados cursos ou aulas.

O propósito do Programa Municipal da Terceira idade vai ao encontro à ideia da teoria da atividade da Sociologia do Envelhecimento: para obter bem-estar na velhice, o idoso deve substituir o papel social perdido por novos papéis sociais. A teoria da atividade defende que,

[...] ao envelhecer o indivíduo se defronta com mudanças físicas, psicológicas e sociais típicas dessa fase da vida, porém suas necessidades continuam as mesmas de antes. Para a teoria da atividade, a pessoa que envelhece em boas condições é a que permanece ativa conseguindo resistir ao desengajamento social que ocorre nesta etapa da vida. Ela influencia até os dias atuais os movimentos sociais de idosos nas áreas de lazer e da educação não-formal. (BARBOSA, 2007, p.24)

O objetivo do PMTI é a restauração da cidadania dos idosos de Viçosa, por meio das ações que o programa propicia. Segundo Fonseca (s/a), iniciativas como o Programa Municipal da Terceira Idade se fazem importantes para preparar o indivíduo para lidar com essa fase da vida de forma natural e saudável. Essa preparação deve proporcionar ao idoso

oportunidades de se sentir parte integrante da comunidade, aproveitando suas experiências adquiridas, fortalecendo suas condições de saúde, estimulando as condições mentais, proporcionando a volta ao convívio social através dos trabalhos em grupo e mostrando o valor de suas experiências acumuladas através dos anos (FONSECA, s/a, p. 6).⁵

Assim, o PMTI propicia um envelhecimento saudável e ativo aos idosos cadastrados no programa, por meio das atividades oferecidas. Esse resgate à cidadania desses indivíduos deve mostrá-los que eles

têm um lugar a ocupar, a partir do equilíbrio entre os valores e padrões morais e da adaptação às mudanças do mundo moderno. É um processo de integração da vida, com a finalidade não só de prolongá-la, mas proporcioná-la qualidade. O idoso possui o controle e a experiência de vida, podendo, portanto, usufruí-la, construí-la e reconstruí-la. É forte no idoso o sentimento de que ele é um indivíduo que pertence à humanidade e, como tal, tem que dar sua contribuição. É, portanto, a capacidade de aprender e de observar as experiências acumuladas leva a um desabrochar por parte dos idosos, no que se refere à aprendizagem. A criação de oportunidades para que este processo aconteça é de grande importância, pois a maioria dos idosos, ao se aposentar perde esta motivação, além do seu papel social e de sua rotina (FONSECA, s/a, p.6).

Essa participação ativa dos idosos, que adquirem novos papéis sociais por meio de projetos como o PMTI, ressalta a importância de políticas e ações que trazem oportunidades para o indivíduo se redescobrir na terceira idade.

Ao longo do nosso acompanhamento, optamos por registrar a história da aposentada Geralda Janoti Paes, por percebemos a relação positiva dela com o programa, por meio dos depoimentos da própria personagem e daqueles que compartilham o dia a dia dela.

⁵ FONSECA. Disponível em <http://www.proec.ufla.br/conex/ivconex/arquivos/trabalhos/a3.pdf>. Acesso em 20/09/2014.

CAPÍTULO 3 - RELATÓRIO TÉCNICO

A produção audiovisual *Esses meus cabelos brancos: Por trás desse sorriso*, foi realizada em três etapas: pré-produção, produção e pós-produção. Este capítulo se propõe a apresentar em detalhes como foi o processo de realização do trabalho, a partir das etapas anteriormente mencionadas.

3.1. Pré-produção

A ideia da realização de um projeto experimental para trabalho de conclusão de curso (TCC) foi concebida ao longo do sexto período. Uma das alunas, Kamilla, já tinha a intenção de realizar um videodocumentário que retratasse a vida dos idosos que frequentam o Programa Municipal da Terceira Idade. A escolha de se realizar um trabalho com idosos se deve à afinidade e ao cuidado que nós duas temos com os nossos familiares da terceira idade, sendo também uma forma de retribuir o carinho que eles dedicaram a nós ao longo de suas vidas.

As pesquisas iniciais surgiram durante a disciplina Pesquisa da Comunicação, ministrada no primeiro semestre de 2014, quando nós começamos os estudos ligados à produção de documentário audiovisual e à terceira idade. Paralelamente às pesquisas, realizávamos reuniões com a orientadora, que não tinham periodicidade definida, acontecendo de acordo com a compatibilidade de horário entre nós três.

No início do segundo semestre de 2014, nos reunimos com a coordenadora do Programa Municipal da Terceira Idade, professora Andréia Queiroz Ribeiro, do Departamento de Nutrição e Saúde da Universidade Federal de Viçosa (DNS/UFV), para apresentarmos nossa proposta. A professora Andréia autorizou a realização das filmagens durante as aulas de ginástica do PMTI e se prontificou a nos ajudar no que fosse necessário, inclusive nos oferecendo material explicativo sobre o programa.

Com a autorização, começamos a acompanhar as aulas de ginástica semanalmente, em especial as ministradas nas terças, quartas e quintas-feiras. Assim que chegamos, fomos bem recebidas e acolhidas, tanto pelos participantes - em sua maioria, mulheres - quanto pelo professor e estagiários.

A princípio, acompanhávamos as aulas com o intuito de observar as interações e os próprios indivíduos que lá estavam, em busca de encontrar os personagens que ilustrassem os perfis dos participantes das atividades do PMTI. Inicialmente, gostaríamos de retratar os mais diversos perfis de alunos do programa: desde aqueles que estão há muito tempo, como os recém-chegados, indivíduos que acabaram de entrar para a terceira idade e também os mais idosos, seus familiares próximos e os funcionários do PMTI.

Apesar da intenção de retratar os diferentes participantes do PMTI, tínhamos que selecionar bem as histórias que seriam apresentadas, pois, de acordo com Duarte (2006), diferentemente de um estudo quantitativo, no estudo qualitativo é preferível a utilização de um número menor de fontes, mas que possam ser exploradas com mais profundidade. Conversamos com o professor de educação física responsável por ministrar as aulas de ginástica, Wederson Candido, por ele conhecer e ter bom convívio com os alunos, assim, além de também ser uma fonte com credibilidade para falar sobre esses idosos, poderia nos indicar quais poderiam ser entrevistados para nosso trabalho.

Durante quase dois meses, imergimos no ambiente e tentamos estabelecer contato com o professor Wederson e os participantes do PMTI. Nesse tempo, tivemos diversas conversas com os idosos e o professor, buscando nos aproximar deles e conhecê-los um pouco mais, pois nossa intenção era saber suas histórias de vida e como o programa as influenciou, antes de iniciarmos qualquer tipo de gravações. Esse acompanhamento nos possibilitou identificar algumas figuras-chave e entender a dinâmica e o impacto das aulas no início do dia dos idosos e como estar lá lhes proporciona um momento de bem estar.

Logo nas primeiras aulas, já notamos a presença da aposentada Geralda Janoti Paes Fontes, de 74 anos, que, em toda aula, se destaca pelo bom humor e pela maneira animada com que ela participa da ginástica e tivemos interesse de utilizá-la como uma das personagens. Porém, conhecendo mais a história de vida dela e a importância que o Programa Municipal da Terceira Idade tem para ela, optamos por usá-la como personagem central do documentário, com seu depoimento sendo o fio condutor da narrativa e, a partir dele, os outros seriam trazidos. A partir da escolha de dona Geralda como uma personagem central para trazer as histórias do PMTI, traçamos um pré-roteiro que seria um guia para o desenvolvimento de nossa narrativa.

Optamos também por utilizar o professor Wederson como uma das fontes, pela proximidade e pelo cuidado que percebemos que ele tem com os idosos, além das pesquisas que ele faz sobre a questão do envelhecimento, podendo falar sobre o tema, tanto sobre o envelhecimento no país quanto mais especificamente sobre os idosos que participam do PMTI e são o foco do nosso documentário.

Tendo em vista a importância que dona Geralda teria para nosso trabalho, também decidimos entrevistar sua irmã, a aposentada Inês Janoti Paes, de 72 anos, que foi responsável pela participação da dona Geralda no programa. Dessa forma, ela poderia contar sobre sua própria história de vida, sua entrada no PMTI e o momento em que ela levou a irmã para as aulas do programa. Além desses personagens, também escolhemos a dona de casa Celeste, indicada pelo professor Wederson por ser uma das participantes que se destaca nas aulas do programa e por ter uma história mais antiga com dona Geralda.

3.2. Produção

Selecionadas as fontes, começamos a etapa de produção. A partir desse momento, concentramo-nos em: realizar as gravações com as fontes do documentário, captar imagens ilustrativas do ambiente e iniciar a construção desse memorial. Paralelamente, buscávamos demais informações auxiliares que nos ajudassem a compreender o próprio PMTI e a importância de atividades de socialização para a terceira idade.

3.2.1. Apresentação dos personagens

Wederson Candido Oliveira: professor de educação física, ministra as aulas de ginástica no Programa Municipal da Terceira Idade de Viçosa desde março de 2011. Criou uma relação de afeto com seus alunos.

Geralda Janote Paes Fontes: aposentada, 74 anos, começou a participar do PMTI há cerca de 2 anos por influência da irmã Inês. Frequenta apenas a aula de ginástica, porque achou a aula de dança sênior “muito parada”. Em casa, vive um casamento conturbado, relatando diversas dificuldades passadas ao lado do marido. Para ela, as aulas de ginástica do PMTI

funcionam como um válvula de escape, onde ela pode se divertir, conversar com os outros participantes, fazer piadas e ser alegre. Segundo sua irmã, dona Inês, a aula de ginástica é o momento de felicidade de dona Geralda, pois ela não consegue encontrar felicidade dentro de casa.

Inês Janote Paes: aposentada, 72 anos, participa da ginástica e da dança sênior. Está no PMTI há cerca de 7 anos.

Celeste Aida Lentini: professora de italiano, identificada pelo próprio Wederson como uma das lideranças no grupo dos idosos que participam da aula de ginástica.

3.2.2. Gravações

Para realizar as gravações de entrevistas e imagens deste documentário, utilizamos duas câmeras filmadoras, uma *Sony DCR-SX20 Handycam*, do Laboratório de Comunicação Social/Jornalismo (Labcom) e uma *Sony DCR-VX2100* da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS) da UFV, além de um tripé de apoio, um microfone de lapela e um gravador de voz digital *Sony ICD-PX312*. Durante a última semana do mês de outubro, realizamos as filmagens das atividades do PMTI, trazendo imagens gerais de toda a turma fazendo os exercícios, filmagens específicas nas fontes entrevistadas e detalhes que percebemos dos idosos durante as atividades, como sorriso, a pausa para beber água e secar o suor do rosto, os pés dançantes, as mãos envelhecidas, etc.

Os equipamentos foram testados antes das gravações de imagens gerais e das entrevistas, buscando evitar qualquer tipo de problema que atrapalhasse as filmagens e o diálogo com as fontes. As entrevistas ocorreram de maneira semi-aberta, com questões semi-estruturadas, a partir do que havia sido previsto no pré-roteiro. Assim, esse momento transcorreu como uma conversa de fato, com todas as fontes explicando como se envolveram com o PMTI e ficando livres para se expressarem. Nós buscamos iniciar a conversa perguntando como a fonte tinha se envolvido com o programa, em seguida, perguntávamos sobre a relação dela com os outros participantes do programa e com as próprias atividades e, no caso de dona Inês, dona Celeste e Wederson, a relação com dona Geralda.

Ocorreu apenas um problema técnico, nas entrevistas do dia 5 de novembro, com dona Inês e dona Celeste. Utilizamos a lapela e percebemos que elas tinham pequenos piques de som, o que acreditávamos que não influenciaria no áudio das entrevistas. Porém, após capturarmos a fita, observamos que a gravação de áudio havia sido comprometida, e as entrevistas tiveram de ser refeitas. O restante das filmagens ocorreu sem qualquer tipo de contratempo.

Também utilizamos gravações com nossos avós, de momentos e atividades realizadas no cotidiano deles dentro de casa, que são os idosos que nos inspiraram a realizar esse trabalho. Essas, no entanto, não tem tanto um formato de entrevista, se enquadrando mais no âmbito de um vídeo caseiro, registrando instantes simples do dia a dia.

31.10.2014

Na manhã de sexta-feira, após realizarmos as gravações das atividades na aula de ginástica, nos encontramos com o professor Wederson Candido para entrevistá-lo. Marcamos de encontrá-lo na sede do PMTI, que fica na casa 6 da Villa Giannetti, e realizamos a entrevista em frente à sede do Sindicato dos Servidores da UFV - Sinsuv, casa 16 da Villa Giannetti, onde acontecem as aulas de ginástica.

A aluna Kamilla Bernardes trabalhou mais com a cinegrafia da entrevista e Verônica Valverde ficou responsável por conduzir a entrevista. Naquele dia, o professor não tinha ministrado a aula de ginástica, pois, durante as manhãs de sextas-feiras, ele tem outros compromissos. Wederson explicou que seu trabalho com a terceira idade vem desde a época de sua graduação, na cidade de Santa Luzia, região metropolitana de Belo Horizonte. Ele também comentou de seu trabalho no PMTI de Viçosa e sua relação com os idosos integrantes do programa, além de destacar momentos e pessoas importantes com quem ele teve a oportunidade de conviver devido ao trabalho em Viçosa.

Além disso, Wederson também ressaltou a importância do próprio PMTI para os participantes, afirmando que, para muitos deles, chega a ser “mais importante que a família, é a vida deles”.

04.11.2014

Na manhã da terça-feira, 04, havíamos marcado de encontrar com dona Geralda e dona Inês para acompanharmos o dia delas. Assim, às 7h, fomos para a aula de ginástica, onde nos encontramos com as duas. Quando chegamos lá, dona Geralda, um pouco preocupada, disse que não poderíamos acompanhá-la até sua casa devido a problemas com seu marido. Porém, esse imprevisto foi contornado e fomos as quatro para a casa de dona Geralda. Ao longo do caminho, gravamos um pouco da conversa que tivemos com ela, falando especificamente a respeito da relação difícil que tem com seu esposo. Seguimos o seu roteiro normal, pegamos o ônibus em direção ao bairro Amoras e fomos à sua casa.

Lá, fizemos imagens dela e de sua irmã, Inês, mexendo nas plantas, mostrando a casa, preparando a mesa e o café. Após participarmos um pouco de sua vida dentro de casa, fomos para a residência de dona Inês, onde fizemos mais imagens do dia a dia das duas, cozinhando, preparando a mesa, conversando, fazendo tricô etc.

Na casa de dona Inês também realizamos a entrevista com dona Geralda. Ela contou detalhes de sua vida, quando morava e trabalhava em Piracicaba, e sobre a importância que o PMTI adquiriu como uma válvula de escape para os problemas que ela tem.

Indo até as casas e acompanhando um pouco do dia delas mais de perto, percebemos que o PMTI, de fato, funciona como uma engrenagem para a vida delas, assim como elas relataram na entrevista, para que elas nunca parem e tenham seus próprios compromissos.

05.11.2014

Na quarta-feira, como de costume, assistimos à aula de ginástica e aproveitamos o momento para realizarmos outras imagens. Neste dia, realizamos as primeiras entrevistas gravadas com dona Inês e dona Celeste. Porém, como foi retratado anteriormente, devido a problemas técnicos, o conteúdo ficou inutilizável.

07.11.2014

No último dia que tivemos para realizar as gravações e as entrevistas, contamos com a ajuda do cinegrafista da Coordenadoria de Comunicação Social (CCS), Albert Ferreira, que nos auxiliou com algumas ideias de imagens.

Com a perda de conteúdo das entrevistas de dona Inês e dona Celeste, refizemos as gravações com elas. Ambas contaram sobre o início de suas participações no PMTI. Dona Inês contou sobre a infância dela com a irmã e como ela trouxe dona Geralda para o programa, sobre sua rotina, suas atividades e a influência do PMTI sobre seu cotidiano. Ela também contou sobre sua preocupação em relação à situação da irmã.

Dona Celeste também contou sobre sua amizade com dona Geralda, explicando que elas se conheceram quando esta trabalhava para o irmão da primeira, na cidade de Piracicaba, no interior de São Paulo. Celeste lembrou que dona Geralda cuidava da filha dela quando ia visitar o irmão em Piracicaba e afirmou que foi dona Geralda que a reconheceu quando a encontrou na aula de ginástica do PMTI. Ela também contou sobre como Geralda é na aula, “sempre pulando” durante os exercícios, alegre e contando piadas.

3.3. Pós-produção

O roteiro ganhou forma após a realização das entrevistas, sendo aperfeiçoado e modificado de acordo com o que obtivemos por meio das fontes. Lembrando que esse aperfeiçoamento aconteceu a partir do pré-roteiro, escrito por nós, para direcionar a narrativa deste trabalho. A elaboração final do roteiro foi, por assim dizer, um dos últimos passos para a produção do presente documentário.

Com as entrevistas e imagens devidamente gravadas, assistimos ao material que reunimos e iniciamos a decupagem do conteúdo para elaboração do roteiro final, que pode ser encontrado nos anexos deste memorial. A decupagem é a transcrição minuciosa da fala dos entrevistados. Optamos por iniciar o produto com os momentos de nossas avós, Vó Oscarlina e Vó Doquinha, como uma introdução à temática da terceira idade. Para diferenciar as tomadas de nossos avós, que não são participantes do PMTI, utilizamos de recursos estéticos que dão a impressão de

filme antigo. Em seguida, trazemos a fala do professor Wederson sobre o PMTI para, em seguida, apresentarmos as três personagens responsáveis por representar os idosos que participam das aulas do programa.

3.3.1 Edição

A edição do documentário foi realizada pela jornalista Camila Calixto, contratada pelas integrantes para tal atividade. O processo foi acompanhado de perto por nós, uma vez que, na oportunidade, a jornalista estava em Viçosa a trabalho. Apesar de a edição ter sido realizada por um terceiro, as sequências foram escolhidas por nós. Mesmo não trabalhando diretamente com o processo de edição do videodocumentário, nos envolvemos em todo o processo, desde a imersão no ambiente que seria retratado, passando pela direção de fotografia, filmagens, entrevistas, para que o trabalho chegasse ao resultado vislumbrado por nós no início da disciplina Pesquisa da Comunicação. Neste momento, também começamos a definir a trilha sonora que daria ritmo à nossa narrativa, procurando por músicas ligadas ao bem-estar e ao futuro, quebrando o paradigma de que o idoso “só tem passado”. Optamos, então, pela música “Semente do Amanhã”, do cantor Gonzaguinha.

Os trabalhos de edição foram feitos com o uso do software *Edius 5.5*. Durante esse período, apresentamos uma versão, ainda não finalizada, para a professora orientadora, que fez as considerações dela, e as repassamos para a jornalista responsável pela edição. A capa foi confeccionada no software *Adobe After Effects*. Após todo o trabalho de edição, o produto final foi concluído em um período de 15 dias, com duração total de 12 minutos.

3.4. Orçamentos

DESCRIÇÃO	VALOR
Edição	R\$300,00
DVDs e capas	R\$10,00
Impressão e encadernação do memorial	R\$30,00
Passagens ônibus urbano (Viçosa)	R\$12,00

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando escolhemos o Programa Municipal da Terceira Idade como objeto de estudo, não esperávamos que seríamos tão bem acolhidas por aquele grupo de idosos. Porém, apesar de já acreditarmos no impacto positivo que o PMTI oferecia à vida dos participantes, as histórias que encontramos, principalmente a de nossa personagem central, nos surpreendeu pela força que estar no programa dá àqueles idosos. O principal desafio estava na forma de apresentar a história de dona Geralda, sem expôr demais sua vida particular.

Acreditamos, assim, que a opção pelo gênero videodocumentário foi a ideal, pela possibilidade de aprofundamento na história da personagem central, dando voz às fontes. Um grande ganho foi a oportunidade de estarmos à frente da produção audiovisual, atuando como produtoras, diretoras e cinegrafistas, o que nos propiciou uma grande experiência pelo contato com áreas que não tínhamos intimidade. Agir em todas as etapas da produção também facilitou e agilizou a finalização do trabalho, tanto prático quanto teórico, que ocorreu sem grandes problemas.

Sobre ao nosso contato com a socialização e o lazer oferecidos pelo Programa Municipal da Terceira Idade, acreditamos ser uma das poucas oportunidades oferecidas na cidade para os idosos, sendo a única gratuita. Nesse sentido, acreditamos que ainda faltam iniciativas públicas focadas no bem estar dos idosos e, principalmente, divulgação para que outros idosos também participem das atividades do PMTI, não necessariamente apenas a ginástica, uma vez que o programa também oferece um leque de opções para a saúde física e psicológica do público que atende.

Por fim, o que mais nos marcou foi a alegria transmitida pelo grupo. Foi emocionante poder acompanhar as aulas de ginástica do grupo da terceira idade e poder ver o sorriso e o brilho nos olhos estampados nos rostos daqueles idosos. Mais ainda, foi surpreendente ver o impacto que as atividades do PMTI tem sobre a vida desses participantes, em especial da dona Geralda, mostrando que a vida não deve parar por nenhum motivo e que a felicidade, não importa em que momento da vida, pode ser alcançada. Esperamos, assim, poder ter passado essa mensagem por meio de nosso trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Aglauvanir Soares. *Os benefícios do treinamento de força muscular para pessoa idosa*. 2007. 90 páginas, Monografia, Curso de Especialização em Gerontologia, Escola de Saúde Pública do Ceará, Fortaleza, 2007.

BORBA, V.R. O envelhecimento da humanidade: o papel da universidade. In: SEMINÁRIO UNESPUNATI, 3., 2001, Rio Claro. Resumos... Rio Claro:[s.n.], 2001. p.14-17.

CAMPOS, Maísa Regina Xavier; DIAS, Carlos Alberto; RODRIGUES, Suely Maria. *Representações de cuidadores de idosos a respeito do “ser idoso”, da “velhice” e do “viver institucionalizado*. In: RBCEH, Passo Fundo, v. 8, n. 2, p. 255-264, maio/ agosto. 2011. Disponível em <http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/1373/pdf>. Acesso em 18/09/2014.

CARRIÈRE, Jean-Claude. *A linguagem secreta do cinema*. 1 ed. especial - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. São Paulo: Atlas, 2005.

FONSECA, Patrícia da Silva; FONSECA, Talita da Conceição de Oliveira. *Melhor Idade - Oficinas de Produção*. Trabalho de Extensão. Disponível em <http://www.proec.ufla.br/conex/ivconex/arquivos/trabalhos/a3.pdf>. Acesso em 20/09/2014.

LIBOREIRO, Maria Cristina et al. *Atenção integral à terceira idade em Viçosa, MG pela parceria UFV e Prefeitura*. Anais do Segundo Congresso Brasileiro de Extensão Universitária, Belo Horizonte, setembro, 2004.

LUCENA, Luiz Carlos. *Como fazer documentários - conceito, linguagem e prática de produção*. São Paulo : Summus, 2012.

MAZO, Giovana Zarpelon et al. *Tendência a estados depressivos em idosos praticantes de atividade física*. Revista Brasileira de Cineantropometria e Desenvolvimento Humano, p. 45-49, 2005. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/rbcdh/article/viewFile/3782/3225>. Acesso em 18/09/2014.

MOLETTA, V. F.; GOIDANICH, K. L. *Turismo para a terceira idade*. 2 ed. Porto Alegre: SEBRAE/RS, 2000.

NICHOLLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas, 2005.

PENAFRIA, Manuela. *O filme documentário em debate: John Grierson e o movimento documentarista britânico*. ACTAS DO III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO – Volume I. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-filme-documentario-debate.pdf>. Acesso em 02/09/2014.

PORTINHO, Anna Samara et al. *Políticas Públicas e Envelhecimento: dificuldades e possibilidades na atenção integral à saúde da pessoa idosa no SUS*. In: Coleção Gestão de Saúde Pública – Contribuições para a Gestão do SUS. Florianópolis : Fundação Boiteux, 2013. Disponível em <http://gsp.cursoscad.ufsc.br/wp/wp-content/uploads/2013/02/Anais-GSP-Volume-2-Artigo-2.pdf>. Acesso em 19/09/2014.

QUEIROZ, Zally P. V. *Perspectiva cultural do envelhecimento; [coordenação geral Áurea Eleotério Soares Barroso]*. -- São Paulo : Secretaria Estadual de Assistência e Desenvolvimento Social : Fundação Padre Anchieta, 2009.

RAMOS, Fernão Pessoa. *Mas afinal... o que é mesmo documentário?*. São Paulo : Editora Senac São Paulo, 2008.

SCORTEGAGNA, Paola Andressa; OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. *Idoso: um novo ator social*. Artigo apresentado no IX ANPED SUL – Seminário em Pesquisa da Educação da Região Sul, 2012. Disponível em <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1886/73>. Acesso em 15/05/2014.

SILVA, Luna Rodrigues Freitas. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.155-168, jan.-mar. 2008. Disponível em <http://www.scielo.org/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>. Acesso em 23/09/2014

ANEXOS

ROTEIRO DOCUMENTÁRIO

ESSES MEUS CABELOS BRANCOS – PMTI

EFEITO DE FILME ANTIGO	
DSCN1690.MOV	Vó Oscarlina
0:17' – 0:31'	“- Ela fica filmando... risos - A senhora não quer ? Quer que eu pare de filmar ? É pro meu trabalho - Viu, fia, não vai tomar café ?”
20141021114859	Vó Doquinha
1'27 - 1'37	“Vão Kamilla, para de chorar Kamilla, tô fazendo seu papa! Eu chorava muito vó? Demais da conta!” “Botava você aqui, você era miudinha, chorona!”
2'35	Entra arte e voz lendo o título: “ESSES MEUS CABELOS BRANCOS”
SOBE SOM (Introdução Semente do amanhã - Gonzaguinha)	
entrevista wederson	“É igual criança uma relação sincera de verdade, quem ainda não trabalhou com idoso e quer aprender um pouco da vida tem que trabalhar...”
30'04 – 30'14 (cobrir	

<p>com imagens descontraídas)</p> <p>26'29 – 26'40 (cobrir com imagens de interação entre eles, abraços...)</p> <p>Trecho da aula com som ambiente</p> <p>30'44 – 30'59 (cobrir com imagens focando pessoas diferentes a cada característica citada)</p> <p>31'05 – 31'25 (Deixar em forma de entrevista mesmo com o professor adicionar GC.)</p> <p>110101_023.MP3 (cobrir com imagens dela correndo na aula e em seguida do RG)</p> <p>20141104144223</p>	<p>“O PMTI hoje, na vida de alguns idosos, é mais importante que a família, porque isso aqui, de verdade, é a vida deles!”</p> <p>“Acho que é bem escola mesmo, tem o aluno que fala mais, tem o aluno que fala menos, o aluno que é mais retraído, o aluno que observa, tem as lideranças que conduzem professor vamos fazer isso ou aquilo outro.”</p> <p>“Tem as lideranças, o exemplo que vou citar aqui é Geralda, quando Geralda chegou o grupo não tinha essa proximidade dela, e ela não tinha nenhuma característica de liderar, falar, conversar, ela era mais retraída assim eu me lembro bem.”</p> <p>“Eu chamo Geralda Janoti Paes Fontes e todo mundo me chama de Ada. Ada, Geralda é um nome muito grande e eu sou pequetita!”</p> <p>“Eu acordo cinco horas todo dia! Arrumo café tomo meu banho, visto a minha roupa de ginástica, quando a lotação das 6h desce eu pingo nela e vou pra ginástica!”</p> <p>“Inês começou a fazer há muito tempo, pensei, vou acompanhar Inês, e por resto adorei, agora não tem jeito! Eu gosto demais agora não tem jeito eu ligo pra Inês direto, que</p>
--	---

<p>0:35' – 0:50' (cobrir com imagens na casa da Dona Geralda)</p> <p>20141104145144 (cobrir a partir de “Acostumei”)</p> <p>entrevista wederson</p> <p>31'33 – 32'07 (manter a fala em modelo de entrevista até “não tinha voz” depois cobrir com imagem dela sozinha na casa dela e em seguida do professor dando aula.)</p> <p>110101_004 MP3</p>	<p>horas tem ginástica amanhã? Acostumei a fazer ginástica e caminhada com eles e não parei mais, nem vou parar!”</p> <p>“Eu conduzo essas coisas assim, de dar voz pra quem é mais retraído. O que fala, o que ta bem, a gente sabe ta pra cima e se acontecer alguma coisa a gente dá um suporte, mas a gente precisa dar voz pra quem não ta tendo voz, então assim, por exemplo Geralda, Geralda era uma pessoa que não tinha voz, passa por inúmeros problemas dentro de casa então nunca teve vontade de falar. Então eu sempre chamo o nome dela, coloco ela em evidência e faço o mesmo por todos que eu sei que passam pela mesma situação.”</p> <p>“Eu conheci ele em 76, a filha dele era pequena tava nascendo. Eu casei em 84, 14 de janeiro de 84. Ele não sabe rir, não sabe cantar, não sabe assoviar, o negócio dele é violência. Gente ruim é assim minha filha, que nem escorpião. Muito triste Kamilla, casamento mal vivido é triste. Eu já preparei até veneno pra mim beber um dia, de tanta agonia. ”</p> <p>“A vizinhança toda tem medo dele, ninguém vai lá em casa nem as crianças, por quê não vai lá em casa? Por medo de Tão. Agora ele não bate porque tenho setenta e tantos anos mas já bateu muito. Tem 42 anos que eu to nessa luta, e eu vou até os 100 se não morrer”</p> <p>Vô Helvécio</p>
--	---

<p>EFEITO DE FILME ANTIGO</p> <p>20141020181336</p> <p>0:46' - 2:08'</p> <p>Entrevista TCC</p> <p>27'43 – 28'22 (começar em formato de entrevista da irmã dona Inês. Cobrir a partir de “custou”)</p> <p>20141104145144</p>	<p>“É por isso que eu falo com essas meninas, cuidado! O mundo hoje não é o que eu e sua vó vivemos não! O mundo hoje virou de ponta cabeça! Matar uma moça, matar uma mulher, matar uma donzela bonita, e matar uma formiga, é capaz deles terem mais dó de matar uma formiga.”</p> <p>“Primeiro eu vim né? Uma amiga me convidou: vamos na terceira idade? Na hora falei eu não! Não to na terceira idade tinha acabado de aposentar com 64 anos mas aí vim. Vim e gostei e ficava chamando Geralda ela com essa vida que tem pra tirar ela de casa. Custou pra ela conseguir vir aí ela animou e veio um dia. Não gostou da dança cênica mas a ginástica ela adorou, pegou amor nos meninos!”</p> <p>“Gosto demais da conta Nossa Senhora! Eu fico numa aflição pra chegar o dia. Chega sábado e domingo é uma tristeza pra mim. Sábado... quando é Domingo fico alegre porque tenho programa do Silvio Santos.”</p> <p>“Ah eu sou bagunceira demais, eu faço festa eu conto história, conto piada, danço, eu canto música caipira, é assim que eu faço!”</p> <p>“Quando chega em casa parece que é uma mortandagem, parece que morreram 200 pessoas. Olho pra cara dele ele não olha pra minha, vou conversar com ele, ele não responde direito.”</p>
---	---

<p>2'38 – 2'50 (em forma de entrevista mesmo até a palma)</p>	
<p>3:41' - 4:03'(cobrir a partir de “Olho pra cara dele...até direito.”</p>	<p>“Ela é ótima! Todo mundo gosta muito dela, ela é muito alegre! Como todos nós temos uma vida particular meio sofrida. Mas aqui, nós vivemos muito bem aqui e vamos embora com muito pesar.”</p> <p>“Eu cuido, eu sou muito preocupada com ela, por causa desse marido dela, muito preocupada mesmo. Vivo assim sabe, uma hora eu fico assim assustada de chegar uma má notícia.”</p> <p>“Então eu fico muito preocupada com ela. Minha mãe sofria muito por esse problema dela, era muito preocupada, agora sou eu.”</p>
<p>Entrevista (entrevista Celeste)</p> <p>TCC dona</p> <p>21:03' – 21:19'</p>	<p>“Sem palavras pra descrever a Geralda, ela tem todos os motivos do mundo para não estar aqui no grupo, a gente sabe disso né, mas ainda assim, ela rompe com essas barreiras.”</p> <p>“ Se ele vê eu fazer ginástica com esses homens aí abraçando, ele judia, ele faz qualquer confusão.”</p>
<p>35:57' – 36:09' (entrevista dona Inês)</p>	<p>“Assim parar eu acho que ela não para não, mas se acontecer dela parar, em casa ela não pode ficar não porque ela vai ficar doente.” “Eu não paro de vir aqui porque se eu parar a minha vida para.”</p>
<p>36:25' – 36:40'</p>	

<p>entrevista wenderson</p> <p>35:30' - 35:47'</p>	<p>“Ela é feliz aqui! Eu já falei com o professor, sabe por que ela fica agitada assim aqui? É porque só aqui que ela é assim, na casa dela ela não tem nem com quem conversar! Só se ela conversar com as paredes!”</p>
<p>110101_004 MP3</p>	<p>“Nossa senhora sempre pulando! Você sabe que ela subiu numa cadeira botou um tamborete e subiu em cima da geladeira. Caiu da geladeira e caiu de perna aberta! Haha! E saiu toda quebrada né? Então não tem juízo nenhum! Tudo acontece com Geralda, tudo! Ela não para! Ela pinta casa ela faz o diabo!”</p>
<p>entrevista TCC</p> <p>36:55' – 37:18'</p>	<p>“Nossa senhora quando eu tô lá na ginástica, quando eu tô viajando com Inês, Aida e as outras minhas colegas, tem hora que a minha cabeça vem um relâmpago assim vc tem que ir pra sua casa, chego no pé da escada e penso, meu Deus, voltei na estaca zero.”</p>
<p>29:29' – 29:41'- (cobrir com imagens dela correndo na aula a partir do “só aqui ela é assim”)</p>	<p>“Agora vou comprar um violão pra mim, já até aprezei 160! A menina da rua do Amantino vai me dar aula e a primeira música que quero aprender é Fuscão Preto!”</p>
<p>22:26' – 22:51' (entrevista dona Celeste)</p>	<p>“Agora que eu acordei, acordei e acompanho as meninas pra todo lado. Aposentei, tenho meu dinheirinho. Inês me chamou eu to indo, fui pra Cascais, fui pra Porto Firme, fui pro casamento em Belo Horizonte, fui com Inês pra Goiás e vou de novo e enquanto eu viver agora vou só andar ”</p>

<p>20141104150231</p> <p>07:58' – 08:17'</p>	<p>“De tristeza agora acabou...agora acabou!”</p> <p>DEIXAR ELA CANTANDO UM POUCO, DEPOIS DEIXAR ELA DE BG COM IMAGENS DO PMTI E PESSOAS QUE PARTICIPARAM DO DOCUMENTÁRIO.</p>
<p>08:44' – 08:57'</p>	<p>Vó Doquinha</p> <p>“Vou mostrar você pra elas! – A não minha filha deixa quando eu tiver arrumadinha deixa? – Só se você cantar Sheila Maria! – Eu canto! –Não só se você cantar agora! – Não agora com essas cambirra de roupa no corpo não! – Am Sheila Maria não vem aqui mais? – A música que você cantava pra eu dormir. Como canta? Canta ela toda!- Sheila Maria não vem aqui mais, que o gambá vai te pegar!”</p>
<p>20141104150001</p> <p>00 – 27'</p>	<p>Vó Oscarlina</p>
<p>0:43' – 0:48'</p>	<p>“Um beijo para todos que estão assistindo!”</p>
<p>09:17' – 09:55' (Dona Geralda canta Fuscão Preto)</p>	

**EFEITO DE FILME
ANTIGO**

0047

**DSCN1685.MOV
1:24' – 1:34'**

CRÉDITOS